

# EUGÉNIA SEIXAS

Eugénia é um espírito livre que dá a volta ao mundo várias vezes ao dia nos muitos sonhos que coleciona. Diverge do que a cartilha convencionou. Não é um produto do seu tempo, nem sequer da sua profissão. É a ovelha negra que se destaca do rebanho e trilha o seu caminho como bem entende. É a exceção, no meio da regra.

Eugénia nasceu em Ovar e é a única artesã que não tem a Filigrana a narrar-lhe a história da família. O pai era bibliotecário e a mãe era bordadeira, profissões de paciência, também ela uma arte que lhe está nos genes e que tão oportuna é para quem se viria a apaixonar pela Filigrana. Foi amor à primeira vista e motivo bastante para se dedicar ao trabalho ornamental feito de fios muito finos que Eugénia carimba com um design arrojado muito seu, fora dos padrões tradicionais da Filigrana.

“Tive um mestre que me ensinou tudo o que sei: Bruno da Rocha”. Uma pausa impõe-se para um agradecimento nostálgico em silêncio, como se o mestre estivesse ali, perante aquela vénia verbalizada.

A rebelião anda à solta nesta alma feliz. Há algo de heróico e de excêntrico na personalidade de Eugénia. Mas depois... bom, depois é bem mundana, afinal. O mundo é um lugar muito barulhento, contraditório e caótico. “Onde me inspiro? No mar”. E um sorriso abre-se nos seus olhos grandes, pequeno furacão de energia. É na contemplação do mar que as ideias surgem e onde se acalma, porque mesmo um espírito livre precisa de um estímulo para a criatividade. O mar desenha-lhe no pensamento as ondas que as formas da Filigrana haverão de tomar nas suas joias. O lápis já só passa para o papel aquilo que o mar ditou. A irreverência é a sua assinatura.

Num atelier pincelado em tons de azul e onde por todo lado há conchas, estrelas-do-mar, búzios e pedrinhas, ali tudo lembra o mar numa abordagem ponderada, profunda e significativa. Do mar para o papel e do papel para o metal, a prata foi sempre a sua eleita pelo aspeto final com que deixa a joia e à qual Eugénia dá um tom ainda mais escurecido, para realçar a beleza de quem a usa. Enquanto a tonalidade neutra da prata traz sobriedade à joia, o brilho eleva o visual. “Ainda não me apaixonei pelo dourado”. E não faz mal. Independentemente da tonalidade, as suas joias são arrojadas, grandes e extravagantes como tudo nela, à exceção do tamanho.

Eugénia prepara-se para criar uma coleção de Filigrana inspirada nos azulejos portugueses. Quando há mais de 500 anos os navegadores portugueses transportaram do Oriente porcelanas pintadas a azul e branco, trouxeram muito mais do que uma novidade para a Europa. A cor do mar passou a dominar a cerâmica e a azulejaria portuguesas, ganhando destaque em objetos e em fachadas e paredes de igrejas, conventos, palácios e casas senhoriais. Da complexidade geométrica da arquitetura para joias de linhas arredondadas em Filigrana, poderia parecer que o azulejo é agora a inspiração de Eugénia. Mas não é. Ela não sabe, mas é no rebrantar das ondas do mar que a inspiração emerge.

Textos de Sónia Felgueiras

Encante-se com a história  
da Eugénia em vídeo

